UNESP CAMPUS DE BOTUCATU - RUBIÃO JR.

APRESENTA

NADA

III CONCURSO LITERÁRIO DA SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA



ORGANIZAÇÃO:
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO

III CONCURSO LITERÁRIO DA SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA

© Direitos reservados

DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP – CAMPUS DE BOTUCATU - RUBIÃO JÚNIOR
Rua Prof. Dr. Antonio Celso Wagner Zanin s/n, Rubião Júnior, Botucatu - SP
CEP 18618-689 | secbiblio.btu@unesp.br | (14) 3880-3030

ORGANIZAÇÃO
Alex Borgato Basseto
Bruna Camargo da Silva Ramos
Lis Helena Ravanini

COMISSÃO AVALIADORA
(MEMBROS DA ACADEMIA BOTUCATUENSE DE LETRAS – ABL)
Bahige Fadel
Carmém Lúcia Eburneo da Silva
José Sebastião Pires Mendes
Maria Amália Blasi de Toledo Piza
Maria Helena Blasi Trevisani
Olavo Pinheiro Godoy

DIRETORA TÉCNICA DE DIVISÃO
Luciana Pizzani

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou forma, sem a expressa autorização (Lei nº 9.610). Os autores são os responsáveis pelas informações e opiniões aqui descritas, sem qualquer responsabilidade para a instituição organizadora ou aos editores.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉC. AQUIS. TRATAMENTO DA INFORM.
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: **MARIA CAROLINA A. CRUZ E SANTOS – CRB 8/10188**

Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (2025 : Botucatu)
III Concurso literário da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, 20 a 24 de outubro de 2025 / Organização: Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação. – Botucatu : NADA Studio Criativo, 2026
56 p.: il.

Disponível online
Vários colaboradores
ISBN: 978-65-85336-36-9

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Coletânea. 4. Prêmios literários. 5. Semana Nacional do Livro e da Biblioteca. I. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Administração Geral do Campus de Botucatu. Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação.

CDD B869.1

III CONCURSO LITERÁRIO DA SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA

ORGANIZAÇÃO:
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP CAMPUS DE BOTUCATU – RUBIÃO JÚNIOR

1ª edição | Botucatu | 2026

III CONCURSO LITERÁRIO DA SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA
1ª edição, 2026 | Botucatu/SP

EDITORES
bagadefente
Alex Zani

COORDENAÇÃO EDITORIAL
bagadefente

PRODUÇÃO EDITORIAL
Alex Zani

REVISÃO
Ana C. Moura

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
NADA ∴ Studio Criativo

Edição © NADA ∴ Studio Criativo, 2026

Rua Dr. José Barbosa de Barros, 792
Jardim Paraíso - Botucatu/SP 18610-307
nada.art.br | @nadastudiocriativo

TEMA DESTA EDIÇÃO

BRASILIDADE

APOIO

Professor Titular Mario de Beni Arrigoni
Presidente do Grupo Administrativo do Campus (GAC)

Juliano Contin Ventrella
Diretor Técnico de Divisão
Administração-Geral (AG) – Diretoria Administrativa

Nilo Flávio de Plácido
Supervisão da Seção Técnica de Materiais

AGRADECIMENTOS

À comunidade acadêmica do campus da Unesp de Botucatu – Rubião Júnior (docentes, discentes e servidores técnico-administrativos) nosso agradecimento por abraçarem o III Concurso Literário da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, ano 2025. Cada poema enviado representou mais do que uma participação: foi um gesto de sensibilidade, imaginação e coragem, que transformou a escrita em encontro, reflexão e partilha.

À Academia Botucatuense de Letras, nossa profunda gratidão pela generosa parceria e pelo cuidadoso julgamento das poesias. Com sensibilidade e conhecimento, seus membros contribuíram para valorizar a criatividade, a emoção e a beleza presentes em cada verso.

A gratidão é a memória do coração.
Jean Massieu

SUMÁRIO

Apresentação..... *10*

Prefácio..... *11*

Poemas premiados..... *13*

Somos muitos em um – Karen Ingrid Tasca.....14

Um pouco de Brasil... – Milton Antonio Peres 15

Brasilidade é pluralidade e conexão – Renata Batista.....16

Riquezas – Rafaela Hemily Cirilo.....18

A saudade é brasileira – Maria Isabel Ribeiro.....20

Acústica Brasiliensis (Cântico em 26 Estados-Linhas) – Caroline Cristina Pinto Souza 22

Outros poemas selecionados..... *25*

O que é ser brasileiro? – Luiza Dias Blumer Bastos.....26

Nação – Layla Contessotto de Oliveira.....27

Severino? – Caio Marcondes de Barros.....28

Sem amor e sem esperança, a terra perece – Vinicius Brandino 30

Jeitinho brasileiro – Marcos Vinicius Antonio Faria 32

Faíscas de um amor no interior – Isabela Tokuhara Makida.....34

Brasilidade em festa – Ana Carolina Alves dos Santos.....35

Brasil, palavra inacabada – Danielli Suzel de Carvalho.....36

Ainda e mais que nunca – Beatriz Koti Lazzari.....38

Estrangeirismo – Laura Almeida Peres.....39

Rasga-mortalha – Otávio Augusto Martins 40

Samba de (quinta) feira – Ana Clara Vicari 41

Vozes do Brasil – Ana Laura Salvador.....42

Poema de pseudodesterro – Gabriela Larissa Lima da Silva.....44

Coração em brasas – Marcela da Costa Gomes 46

Brasilidade na saúde e na doença – Sabrynna Alves Barbosa.....48

Cotidiano – Lucas Martins Liporaci 49

Brasil com S – Gabriela Nascimento Leme 50

Brasil, uma mistura de sentidos – Cecília Morbidelli Pereira 52

LISTA DE SIGLAS

FMB – Faculdade de Medicina de Botucatu

FMVZ – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia

HCFMB – Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu

IBB – Instituto de Biociências de Botucatu

IBTEC – Instituto de Biotecnologia

STAEPE – Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

APRESENTAÇÃO

O verdadeiro amador de poemas ama em silêncio.
Mario Quintana

A Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, instituída pelo Decreto-Lei nº 84.631, de 9 de abril de 1980, tem como objetivo incentivar ações culturais e educativas que valorizem o livro, a leitura e as bibliotecas em todo o território nacional. Em 2025, a Biblioteca da Unesp – Campus de Botucatu/Rubião Júnior promoveu sua programação entre os dias 20 e 24 de outubro, reunindo atividades artísticas e culturais, além da realização do III Concurso Literário de Poesias, cujo tema foi "Brasilidade".

Inspirados pela riqueza cultural do povo brasileiro, os estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e servidores técnico-administrativos da Faculdade de Medicina de Botucatu, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e do Instituto de Biociências de Botucatu, traduziram em versos suas percepções sobre nossas tradições, paisagens, manifestações artísticas, culturais e modos de viver.

O concurso recebeu 25 poesias inscritas, das quais 5 foram premiadas e 1 recebeu menção honrosa, destacando-se pela originalidade e sensibilidade dos seus autores.

A avaliação das obras foi realizada por membros da Academia Botucatuense de Letras (ABL), cuja colaboração foi fundamental para o sucesso desta iniciativa.

É com imensa alegria que apresentamos este livro, reunindo todas as poesias participantes do concurso.

Que estas páginas inspirem leitores e escritores a novos voos poéticos, fortalecendo o papel de nossa biblioteca como espaço de encontro, expressão, conhecimento e cultura em nosso campus universitário.

Desejo a todos uma excelente leitura!

Luciana Pizzani
Bibliotecária CRB/8-6772
Diretora Técnica de Divisão
Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação

PREFÁCIO

Poesia não é para compreender, mas para incorporar.
Entender é parede; procure ser árvore.
Manoel de Barros

Falar de brasilidade incide em vários tópicos. É um conceito que celebra o estilo de vida, a alegria, a diversidade, as riquezas naturais e a criatividade do povo.

Somos um país de estrutura social e cultural formado por um mosaico complexo de miscigenação de matrizes indígenas, africanas, europeias e historicamente explorado e invadido, formando grupos étnicos distintos.

Tal diversidade se deve à grande extensão territorial, por isso sua riqueza e sua importância são conhecidas no mundo todo, com cultura singular na literatura, nas artes plásticas e cênicas, na música, ah, a música! Também não podemos esquecer da gastronomia, costumes etc.

Um Brasil tão múltiplo e continental não poderia deixar de ser também diverso em palavras, em escrita. É o que percebemos, mais uma vez, na riqueza deste projeto da Biblioteca da Unesp, campus Rubião Júnior: PLURALIDADE.

Cito alguns dos premiados, mas meus aplausos vão para todos que se dispuseram a fazer inscrição e poetizar.

Na *festa de cores, de sons e sabores*, a alquimia na metáfora em "Um pouco de Brasil..." de Milton Antonio Peres.

Em "Brasilidade é pluralidade e conexão", a autora Renata Aparecida Camargo Batista, além de frisar as diferenças linguísticas, nos remete às diversidades também na fauna:

Encontramos o lobo-guará, o sabiá-laranjeira,
*O tatu-bola e o mico-leão-dourad*o

E na gastronomia:

Comemos a pamonha, o quindim, a cocada,
A feijoada e o arroz carreteiro.
Fazemos a moqueca, a galinhada, o barreado,

A goiabada, a paçoca e o brigadeiro

Ainda nos trouxe a saúde como diferencial mundial: *Inventamos o Sistema Único de Saúde*. Realmente um grande apontamento.

Das cataratas ao pelourinho, minha terra adorada,
Acorde esse gigante

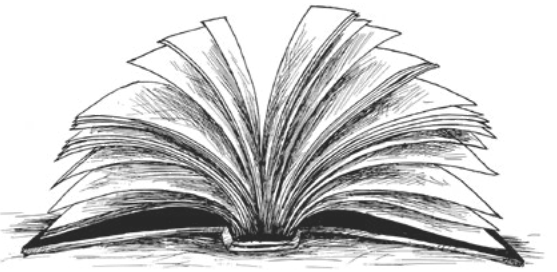
Karen Ingrid Tasca, em "Somos muitos em um", no gênero poético acróstico, nos presenteia com uma conotação histórica importante.

Parabenizo o tema e a disposição em incentivar a escrita poética. A estética, a criatividade e a objetividade foram as máximas desta rica coletânea. Agradeço a oportunidade de fazer parte deste projeto da Biblioteca da Unesp, para o qual tenho o prazer de contribuir em mais um ano, com estas singelas palavras.

Não sou alegre, nem sou triste, sou poeta.
Cecília Meireles

Sílvia Aparecida Pereira
Letróloga, pedagoga, escritora, poeta, revisora, acadêmica
Presidente da ALB – Academia da Ordem de Platão
ABL – AJL – ALELP

Poemas premiados



Somos muitos em um

Karen Ingrid Tasca
Funcionária FMB



Braços abertos chamam todos para perto
Reunindo os povos, sua imensidão e a diversidade
Aspectos naturais e culturais tão distintos,
Se unem aqui, com força colossal e sensibilidade.
Incrível a constante luta desta pátria tropical,
por algo tão natural:
Liberdade!
Inspira, respira — que a paz não esteja só no futuro,
e a glória só no passado.
Das cataratas ao pelourinho, minha terra adorada,
Acorde esse gigante, e que ele não seja colonizado.
Diante de sua autonomia, ria. Mas não fique
acima de todos, e sim, entre eles.
Espontaneidade — um belo reflexo desta pluralidade.

Um pouco de Brasil...

Milton Antonio Peres
Funcionário FMVZ



No canto da mata, o sabiá faz festa,
O sol se derrama, a vida se manifesta,
Na alma do povo, a esperança não resta.

Meu país tem cheiro de chão molhado,
Tem canto de ave no céu estrelado,
E o verde que vibra por todo o estado.

O samba desliza no pé do morro quente,
A ginga é herança, é sangue, é semente,
Brasil é sorriso que dança contente.

Tem cheiro de feira, de fruta madura,
Tem fé que resiste, tem voz que perdura,
Na mão calejada, há força e ternura.

O mar abraça o sertão com carinho,
Do sul ao norte, se cruza o caminho,
Na rede que embala, repousa o vizinho.

É festa de cores, de sons e sabores,
É terra de amores, de mil lavores,
Brasil é jardim de eternos valores.

Tem luta gravada em cada memória,
Tem riso que vence a dor da história,
E um coração cheio de vitória.

Na mistura viva de cada raiz,
Brota a brasilidade que nos faz feliz,
Um povo que canta, que luta e diz: “Meu país!”

Brasilidade é pluralidade e conexão



Renata Aparecida Camargo Batista
Funcionária FMVZ

Pertencemos a um país muito rico:
Rico em cultura e diversidade,
Rico em sabores e linguajares,
Rico em natureza e criatividade.

Cantamos o axé, o samba e o forró,
Dançamos o frevo, o carimbó e o maracatu.
Contamos as lendas do folclore, Saci-Pererê,
Do Curupira, Boitatá e Uirapuru.

Convivemos entre nativos e estrangeiros,
Entre católicos, umbandistas e protestantes.
Temos variadas habilidades e deficiências,
Ideologias e identidades dissemelhantes.

Comemos a pamonha, o quindim, a cocada,
A feijoada e o arroz carreteiro.
Fazemos a moqueca, a galinhada, o barreado,
A goiabada, a paçoca e o brigadeiro.

Utilizamos o "idioma mineirês",
O sotaque gaúcho, o carioca e o baiano.
Temos, ainda, muitas línguas indígenas,
As gírias do paraense, do paulista e do goiano.

Encontramos o lobo-guará, o sabiá-laranjeira,
O tatu-bola e o mico-leão-dourado.
Abrigamos a arara-azul, a onça-pintada,
E o vira-lata caramelo mais amado.

Inventamos o Sistema Único de Saúde,
O filtro de água de barro, a capoeira.
Criamos o soro antiofídico, o copo americano,
O famoso Pix e a cachaça verdadeira.

Somos um povo acolhedor e gentil,
Para tudo damos um jeito.
Somos resilientes e trabalhadores,
Dos desafios tiramos proveito.

Brasilidade é patrimônio e herança,
É uma riqueza de inestimável valor.
Brasilidade é pluralidade e conexão,
É um sentimento profundo de amor.

Riquezas

Rafaela Hemily Cirilo
Graduação IBB



Tucupi, moqueca, vatapá
São tantas brasilidades a se experimentar
Tantas riquezas naturais para deslumbrar
Mas como posso chegar lá?
Se meu time não vai ganhar
Mesmo trabalhando sem parar

Eu poderia escrever mil coisas boas
Afinal, somos o país do samba e do carnaval
Mas o nosso grito não ecoa

E o que era lindo ainda existe, mas voa, feito pardal

Eu não jogo futebol
Nem sei o nome do tal Fenomenal
O que eu jogo é o existencial, o da vida marginal

Dos que não têm sangue real

Carrego dor comigo, em cada loja de 1,99 vazia
Em cada vendedor de latinha
Em cada guerreiro que só queria descansar
Em cada brasileiro que sonha em ter um lugar pra morar
Como pode... Poucos terem muito e muitos terem pouco

Soa poético, mas é estratégico

A garra, o suor e o sangue
Nós damos todos os dias
Mas arde, queima até um mangue
Quando é que teremos as noites frias?

Óh, Cristo redentor...
Abra mais seus braços para nos alcançar

Para que a nossa bola continue a rolar
Para a felicidade, eu proclamar
Para o nosso time finalmente ganhar

A saudade é brasileira



Maria Isabel Maringolo Ribeiro
Graduação FMB

O que me seguiria se eu cruzasse os oceanos
e meus pés nunca mais tocassem
a terra vermelha da cidade em que nasci?
E se até mesmo esta língua, na qual agora escrevo,
eu deixasse?
O que, além de alguns papéis, me diria de onde vim
quando eu precisasse me lembrar de para onde vou?

Creio que não há coisa mais brasileira em mim do que
a saudade.
Saudade do galho mais alto da jabuticabeira
no quintal da minha avó,
onde o mundo passava devagar
pelos olhos de quem ainda
viveria mais anos do que sabia contar.

Saudade do bar da esquina,
que vendia o melhor doce de leite do mundo,
e de quando a felicidade era uma bolinha de pelos vira-lata
correndo comigo pela casa.

Talvez eu seja jovem demais para tantas saudades,
mas sou jovem o bastante pra saber que a eternidade
cabe no instante em que meus olhos viram os dela
pela primeira vez.

Sim, em qualquer lugar do mundo
meu primeiro amor poderia ter olhos castanhos,
mas em nenhum outro lugar
seriam aqueles olhos castanhos.

Em qualquer lugar do mundo eu buscaria toda a poesia já escrita
para encontrar alguma em que coubessem minhas tantas
saudades, mas em nenhum outro lugar seriam versos de Vinicius
de Moraes ou Carlos Drummond de Andrade.

O fato é que eu não seria eu
se minha poesia não fosse brasileira como são minhas saudades,
como é a jabuticabeira no quintal da minha avó,
o melhor doce de leite do mundo que o bar da esquina vendia,
e a bolinha de pelos vira-lata, que corria comigo e agora corre
além do céu.

Eu não seria eu se minhas primeiras palavras
não tivessem sido, para sempre, gravadas no melhor português:
aquele que sai da boca de uma criança brasileira,
que ainda não sabe que tudo o que ocupa seus dias
será, um dia, saudade.

Acústica Brasiliensis (Cântico em 26 Estados-Linhas)



Caroline Cristina Pinto Souza
Doutorado IBB

1. Por entre as verdejantes gramíneas do *Cerrado*, me deleito na viola caipira
2. Reverbero o sertanejo, de peito firme, entoado, e o silêncio opaco se retira.
3. Leio os goianos versos de *Coralina*, me sirvo do eu lírico que tanto sonha:
4. Fragmentos frágeis, a vida fina, no compasso duma franzina folha
5. Rumo ao *Planalto da Alvorada*, por entre as arquiteturas de *Oscar* -
6. Uma a uma cavalgada, de rodeios políticos, um convite ao *despertar*.

7. Percorro o *Amazônico Norte* numa rústica canoa, *indígena cultura* que me fascina
8. Rio de sinistras lendas assim se escoa, desde à *Iara* ao *Boto* e sua trágica sina.
9. Abro espaço em meio à densa mata, folclórico e heterogêneo ambiente -
10. Cada *Bacia* inexata, no desaguar narrativo duma expedição recorrente.
11. Tem a cerâmica *cabocla*, *marajoara*, o nosso originário idioma *tupi* -
12. Cosem magia rara, e artesanalmente, me movo para a outra estrofe de logo ali.

13. No furor da capoeira, ingresso nas artísticas obras do perseverante Nordeste
14. Como *Capitães de areia*, *Vidas secas*, *Severina*. Mais uma? Que se manifeste!
15. Marcos rupestres na *Capivara Serra*, típicos festivais de *Boi-Bumbá*
16. Irrequieto ritmo me espera, tanto do *forró* e *frevo*, quanto ao trovoar do *maracá*.
17. Ó *Castro Alves*, de sua fonte eu bebo, por cada contraste ins-ti-gan-te!
18. Outrora em ébrio placebo, metamorfose no sexteto adiante:

19. Noticio a roda de samba, me junto aos alegóricos desfiles de *Carnaval*,
20. Haja pique (ca-ram-ba!), qu' aprecio as relíquias de *Malfatti* e *Amaral*
21. Eis a Semana da *Moderna Arte*, a sustenida influência europeia,
22. Escuto a eterna *Bossa de Saudade*, porém, com mais quatro sentidos de plateia
23. Cavaquinho nas composições de *Jobim*, resgatam-me o *Corcovado*, a *Ipanema*
24. Caço contos machadianos num retrô folhetim e em *Botucatu*, a distinta *Siriema.*

25. Assisto às Cascatas de Cachoeira, que permeiam nossa majestosa Foz
26. Poema jaz em sua beira, concluo seus últimos acústicos-sulistas nós.

Outros poemas selecionados



O que é ser brasileiro?

Luiza Dias Blumer Bastos
Graduação FMVZ

Ser brasileiro é samba no pé
É futebol amador
Brejinha gelada no domingo
Sessão da tarde no televisor

É Carnaval no Rio
Balinha 7 Belo
Paçoquinha, brigadeiro
E cachorro caramelo

Não

Ser brasileiro é luta de classe
É Balaiada em Maranhão
Inconfidência Mineira
E resistência à escravidão

É uma cultura que insiste em continuar
Iara, Curupira, Boitatá
Capoeira e huka-huka
Festa do Boi-Bumbá

É ter uma literatura de dor
Quando as vidas estão secas
O cortiço já tá cheio
E os presos já estão mortos

É honrar a sua história
Carregar no peito identidade
Falar, rir, pensar
Sem esquecer sua verdade

Valeu, Brasil, por tanta brasilidade

Nação

Layla Contessotto de Oliveira
Graduação FMVZ

Das matas verdes e do céu azul
Um grito de guerra
Uma voz que ecoa
Filhos de uma só terra
Almas exaustas de Norte a Sul

A fauna sagrada
por riqueza sangrada
que não deixa de existir
Ser brasileiro é resistir

De esforço e sangue fez-se a história
Um só povo de diversas ancestralidades
Mesmo que curta seja sua memória
E ainda mais diversas suas realidades

De Pindorama a Brasil
Desistir aqui nunca se viu
Escrito com S de suor
Jamais com o Z que nos faz menor

Um povo por luta e trabalho marcado
Que segue firme mesmo cansado
Desde o ventre faz valer sua nacionalidade
Assim define-se brasilidade

Severino?

Caio Marcondes de Barros
Graduação IBB

De quem é o corpo?
O quê? Que morto?
Aquele lá,
Há de ser Severino.

Que Severino, rapaz, está moscando?
Esse aí é o menózin que morava para lá.
No morro?
Claro que é no morro, oito da manhã e adolescente morto?
Vai achar que o sujeito mora para o lado dos bobo?

Mas também, devia tá correndo.
Óbvio que tava correndo, três horas de condução para
poder estudar.
Sem apoio da família, falam que precisa trabalhar.
Moleque era dedicado.

E qual foi seu pecado?
Nascer com a cor que tem e no lugar errado.
Querer ter o direito de ser criança,

Onde mexendo a pipa, se aprende a balançar o lança.
Onde polícia de farda rouba e mata,
E na cadeia, quem queria poder comer em casa.
E morto quem não pode nem andar na calçada.

Moleke é Severino.
Severino, mas não de Maria,
Severino de Ana,
Mas como há de ter muitas Anas que moram no morro,
Virou Severino de Ana do finado João.

Assim há de ser, moleque não tinha nome nem identidade.
Anas e Joãos no morro é o que mais há.
Vai virar indigente se tirarem o corpo daqui, e olhe lá.

Trrrrraaáá!
TÁ!

Olha para o lado, jão.
Mais um tá ali no chão, de quem é o corpo?
O quê? Que morto?
Aquele lá.
Há de ser Severino.

Sem amor e sem esperança, a terra perece

Vinicius Gabriel Fogaça Brandino
Graduação IBB

Antes da cruz e da espada,
havia Pindorama com seu verde e azul irradiados,
fazendo jus ao nome que lhe foi dado.
Mas tua face foi rasgada por corsários.
Com a cruz numa mão e o chicote na outra,
tua história foi manchada, ensanguentada
e extorquida pelas mãos dos latifundiários.
Terra fértil matriz de todos os Brasis,
ampara-nos, teus oriundos reprimidos,
agora e na hora da nossa última gota de sangue,
ou quando nascer o primeiro grito.
Amém?
Não. Desdém.
Só que às vezes se esquecem do que se é, do que se tem,
e olham para fora como quem olha para dentro.
É a "síndrome de vira-lata", nem te conto!
Acreditam que o paraíso fica em Paris, Orlando e Toronto.
Sim, somos uma história ferida, jamais esquecida.
Temos uma mata que se move
em união com o canto que ecoa em terreiros e sertões.
Nosso Hino canta pátria amada, mas apenas para a elite
rebuscada.
Nossa identidade não é uma bandeira à Casa de Bragança,
ela é um mosaico partido,
colado com suor, grilhões, elãs e esperança.
Brasilidade é saber que o país não é só um Estado,
É um estado de ser:
é a mãe de santo na esquina, é o indígena que resiste,
é as favelas que reinventam o mundo.
E, quando nos disserem que não somos bons o bastante
e que nossa cultura é menor, lembremos:

Antes de tudo, aqui é Pindorama.
Antes da Europa, aqui já havia memórias,
e deusas com os pés na lama.
Somos menines, todes, iles; pois a língua se adapta ao falante,
e cada verbete inventado
é uma rachadura no muro do patriarcado.
E, para o colonizador que tentou nos calar,
hoje, nós gritamos:
Existimos e existiremos! Vocês não vão nos apagar!
Também somos mais do que isso,
somos corpos e mentes dissidentes,
que não se curvam à falsa normalidade,
somos os que não cabem nos documentos,
as que não se dobram às expectativas alheias,
os trans sem papéis, as PcD com sua firme luta,
os autistas, os não brancos, os nós líricos,
somos a resistência em cada canto,
e a revolução que nasce no espírito,
de um povo verde e anil, eterno Brasil.

Jeitinho brasileiro

Marcos Vinicius Antonio Faria
Graduação IBB

Todo brasileiro tem um jeitinho brasileiro.
Somos assim desde que me conheço por gente.
Podemos ver esse jeito no dia a dia,
é nosso modo de existir diante do mundo.

Um professor meu dizia que somos piores que outros,
porque brasileiros querem passar a perna nos demais.
Uma vergonha para o mundo,
mal conhecidos por isso.
Lá na Europa, dizia ele, é diferente:
apenas pessoas brancas do bem,
não latinos tentando enganar o primeiro trouxa que encontrar.

Meu pai me disse outra coisa:
que isso não era verdade.
Que caráter ruim pode nascer em qualquer lugar –
branco, preto, indígena, latino ou amarelo.
O coração podre não se esconde atrás de etnia,
raça ou cultura.
Mas então...
o que é esse jeitinho brasileiro
sobre o qual ouço tanto?

Já ouvi dizer que pode ser nosso carisma...
Mas eu não acho.
Não sou carismático,
e, ainda assim, sou brasileiro.
O jeitinho, talvez,
seja uma faca de dois gumes:
pode ferir, pode proteger.
Um fio de esperança em meio ao caos,
um truque para seguir vivendo.

Meu avô, antes de morrer, falou que somos diferentes.
Que lutamos todos os dias contra um sistema opressor,
e que, através da criatividade, sobrevivemos à realidade.
Desde a roça, ele e seus filhos caçavam
para suprir o que faltava.
Minha irmã mais velha também faz isso:
vende doces, porque o salário não basta.
O jeitinho é fogo escondido na palha,
uma chama teimosa que não se apaga.

Então por que sentimos vergonha disso?
Vergonha de lutar diante dos desafios
de uma sociedade injusta,
de sobreviver em dias de caos?

Onde aprendemos a nos desvalorizar?
Aprendemos essas lições, desde a invasão europeia,
no tempo em que nossa terra foi tomada,
em que nosso povo foi escravizado
e em que nossas riquezas foram roubadas.
Mas essa não é a verdade.
Somos mais que isso.
Resistimos nos dias cruéis,
lutamos por um amanhã melhor,
transformamos cacos em caminhos,
feridas em fôlego.
Somos brasileiros.

Faíscas de um amor no interior

Isabela Tokuhara Makida
Especialização HCFMB/IBTEC

No campo de futebol
Debaixo daquele sol
Você sentou do meu lado
E deixou meu mundo abalado

No caminho de terra
Você falava que sua vida era
Os caramelos nos faziam companhia
Em uma tarde nada sombria

Na festa da Bia
Sim, eu sentia toda a magia
Dos salgadinhos às bolhas de sabão
Você me contava que tudo era em vão

No coreto da cidade
O meu pensamento virou realidade
No final, eu era apenas um maracujá
E você uma outra espécie de sabiá

Brasilidade em festa

Ana Carolina Alves dos Santos
Pós-graduação FMVZ

Nas manhãs quentes, antecedendo as tardes frias,
os pássaros riscam o céu sem vergonha e com muita cor,
pintando o céu com as cores da liberdade,
como se fossem bandeiras vivas da nossa história.

Na rua vai se formando uma roda de samba:
pandeiros, violões e cavacos embalam diversos sorrisos.
As pessoas vão se juntando para um só canto envolvendo-se
no batuque,
dançando com o coração em passos de alegria.

Na calçada de um bar, ele está lá – o fiel:
um cachorro caramelo descansa tranquilo,
ao lado da mesa de bar onde ecoa a vida,
entre risadas, abraços e copos erguidos.

O Brasil pulsa nesse instante:
na música que nasce do encontro,
na natureza que colore nossos horizontes,
na celebração simples de existir.

Brasil, palavra inacabada

Danielli Suzel de Carvalho Seraphini Dutra
Graduação IBB

Do rio nasceu caminho,
da mata, voz ancestral,
do vento, sopro e destino,
do chão, calor tropical.

Vieram ferros, vieram dores,
correntes, sangues, grilhões
mas resistiram tambores,
batendo em mil corações.

Nas rodas de capoeira,
ergue-se o povo a cantar,
no corpo, a alma guerreira
do Besouro Mangangá.

Na boca, mil sotaqueiros,
do "oxe" ao "bah" se confessa,
são rios sempre ligeiros,
encontram-se na mesma peça.

Brasil é cor, é mistura,
favela, aldeia, sertão,
nasce da dor e da altura,
une-se num só coração.

Ainda sangram feridas,
arde a floresta em carvão,
mas brotam novas nascidas,
renasce o verde do chão.
Brasil é verbo presente,
palavra nunca acabada,

escreve-se em riso e em lamento,
levanta-se em luta calada.

E quando a noite apertar,
com medo e sombra no ar,
voa o Besouro Mangangá,
pra proteger e cantar.

E se perguntam quem somos,
respondo firme e inteiro:
somos mil vozes, mil tomos,
somos o povo brasileiro.

Ainda e mais que nunca

Beatriz Koti Lazzari
Graduação FMB

O sol nos espelhos dourados do império
queima os olhos da cobiça.
Tambores explodem dos mares - e o filho,
forjado no ventre do outro hemisfério,
anuncia o acordar da justiça.

A terra sangrou sob a espada e a cruz,
do estalo do açoite irrompeu a luta.
No brilho cortante das noites mais densas,
entre a infâmia e o pranto, a tristeza reluz
e a vida persiste, absoluta.

Sob a luz filtrada em véus de bruma,
as florestas sopram línguas ancestrais.
Os inconfidentes caminham pelas praças,
acorrentados à memória que ressuma,
curvados à mortalha de seus pais.

Lágrimas vertidas regam os passos da ruína.
Na carne aflita vibra o ferro que feriu
e a memória de um chão colonizado.
Mas da angústia nasce a força clandestina:
Ainda e mais que nunca, Brasil.

Estrangeirismo

Laura Almeida Peres
Graduação FMVZ

O sol reflete na fresta
O som invade meu quarto
Pela minha porta entreaberta
A minha cama invade um gato

O carro da padaria canta
O ronronar faz uma batida
Me enrolo numa manta
E meu dia toma partida

No meu café tem pão francês
E na janela um João-de-barro
Eu sigo com os meus clichês
E a fumaça segue o cigarro

Na receita tem copo americano
Pra fazer bolo de cenoura
A calda como as ondas do oceano
O quebrar como o som da vassoura

Enquanto espero, uma torta holandesa
O sol brilhando nas minhas serras
O doce me leva como uma correnteza
Na montanha-russa que são minhas terras

Uso termos novos no dicionário
Procuro o que me é racional
Atrás das cortinas do meu cenário
Sinto saudades do que me é real
Sempre fui muito brasileira
Mesmo com o meu estrangeirismo
Sou orgulhosamente mineira
Na minha própria cultura faço turismo

Rasga-mortalha

Otávio Augusto Martins
Funcionário FMVZ

Ó Morte doce e branca da noite escura...
Ó Morte voadora enlaçada na ave de rapina...
Ó Morte musical de um canto agourento...

Ó ave de rapina canta a Morte na noite escura...
Ó ave de rapina mostra a Morte repentina...
Ó ave de rapina sobre a casa com um canto agourento...

Ó noite escura que rasga o som da Morte...
Ó noite escura que ressuscita a rasga-mortalha da Morte...
Ó noite escura que rasga a pele adocicada da Morte...

Rasga a mortalha da Morte...
Rasga a mortalha da Vida...
Rasga a mortalha da esperança verde morta...

Ó Rasga-mortalha da Morte do Hades...
Ó Rasga-mortalha do enxofre adocicado e mortal...
Ó Hades que Rasga-mortalha da Morte...

Ó Hades que flagela a minha alma sublime...
Ó Hades que presenteia a Morte na noite escura...
Ó Hades que pactua com a Rasga-mortalha de rapina...

Ó Morte doce e branca com o Hades na noite escura...
Ó Morte voadora enlaçada na Rasga-mortalha de rapina...
Ó Morte musical do Hades e da Rasga-mortalha em um canto agourento...

Ó Morte!
Ó Rasga-mortalha!
Ó fim da vida da Morte!

Samba de (quinta) feira

Ana Clara Vicari
Graduação FMVZ

Caldo de cana
com algumas gotas de chuva
(porque é verão)

pagode na praça
feira de quinta
gente brasileira, comendo na esquina

uma mulher da barraquinha de pastel
samba no meio da gente
e todas as outras mulheres de todas as outras barracas
aplaudem e riem e jogam suas cabeças com os longos cabelos
guardados em redinhas para trás
e riem, e riem, e sambam, e riem!
e de repente todas estão sambando também
e ninguém nem se importa se o grupo errou a letra
porque as mulheres estão dançando
e a chuva está caindo
e as pessoas estão falando e falando
e tomando caldo de cana
e o Brasil está pulsando

meu Brasil
está pulsando
com sangue vivo
samba
pastel e caldo de cana.

Vozes do Brasil

Ana Laura Salvador
Graduação IBB

Minha fala é um cais de palavras desembarcadas.
"Abacaxi" veio do tupi,
"samba" da África,
"caipira" é raiz que nunca secou.

Cada termo em português
é uma pátria improvisada,
um som que já teve outras vozes,
um pedaço de história
que ainda resiste nos lábios.

Falo uma língua de segundas intenções.
Cada palavra é cicatriz de uma história partida,
um compasso quebrado e reinventado,
uma herança mascarada de gíria.

Somos intérpretes daquilo que tentaram calar,
reinventando a língua
com o que sobrou depois do naufrágio.
Nossa pátria é este idioma mutante,
este português que se extraviou
e inventou novas rotas.

Quando digo "saudade",
trago nos lábios um silêncio intraduzível.
Quando digo "futebol",
grito, em coro, um idioma inventado aqui.

E no silêncio entre uma palavra e outra
ainda se ouve:
um grito indígena,
um canto africano,
um murmúrio estrangeiro.

Um Brasil que insiste em reinventar-se
com palavras que não são só suas –
mas que, na boca do povo,
renascem como nossas.

Poema de pseudodesterro

Gabriela Larissa Lima da Silva
Pós-graduação FMB

Presa na minha própria carne
Sem conseguir me debater,
Faca invisível que me escarne,
Meu peito pena em alvorecer.

Pega de frustração numa espiral
Percebo que nada me aconteceu,
O algoz turbilhão multifatorial
É só um país que não é meu!

As lágrimas seguem implacáveis,
O desajuste sempre me espreita,
Já as raízes seguem inexoráveis,
E pra expeli-las não há receita.

Aqui há sempre comida e bebida,
Mas essa terra alheia ressecou,
Sem alma brasileira não há vida,
Solo árido e insosso se rachou.

Não é idioma, hábito ou preço,
É sobre tudo aquilo que é indizível
Alegria de ser que resplandeço
Brasilidade inefável e indivisível.

O que eu sou? De onde descendo?
Caminhando como forasteira,
Agora finalmente eu entendo:
Eu simplesmente sou brasileira!

Na minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá,
Tem papagaio, arara, tiês, periquitos e manacá.
Que esse ano passe logo e me leve de volta pra lá!

Coração em brasas

Marcela da Costa Gomes
Graduação FMVZ

Olha só, lá vem a neve!
O tronco curvado, em tempo cede
Admira a beleza albina, intocável
Mas não a própria sombra, lamentável!

Os flocos, na verdade flores
Brancas e puras, delicado perfume
Desta terra nascidas, ipês multicores
Nutridas por nossa brasa vibrante

Huskies, akitas, chow-chows e seus elos
Belos exemplares de terras distantes
Mas inegável é, caros viajantes
Que aqui reinam nobres caramelos!

Abundantes fauna e flora ricas e inestimáveis
Na brasa vivem, pela brasa morrem
Irrecuperáveis
Até que em negras terras se transformem

Comédia e tragédia neste país misturadas
Onde começa uma? Onde termina a outra?
Palco em que desgraça é pouca
E onde atores possuem almas depravadas

A solução nunca vem, é triste
Mas ante à democracia, nunca inertes!
De pouco em pouco, nos tornamos fortes
Porque o arcabouço da virtude existe

Em cada coração, uma miríade de ipês vistosos
Como caramelos andarilhos sob sol infernal
Nossa beleza é única, embora imortal:
Das brasas, nós, brasileiros
Sempre, contudo, renasceremos

Brasilidade na saúde e na doença

Sabrynna Juliane Alves Barbosa
Graduação IBB

Cada dia é uma bala perdida que fugimos
com o samba no pé

Sol nasce e aprendemos a lutar
Sol se põe com o menino jogando bola,
Breve instante de esperança
O perigo passa com a novela das seis

Em balanço com a ginga do capoeirista à esquina
Harmonia dos corpos na defesa e no ataque
Na esperança de um dia viver ser brasileiro.

Cotidiano

Lucas Martins Liporaci
Graduação FMB

Sorriso de canto de olho.
Para um desconhecido.
“Hoje tá chei-iss’aqui, hein?”
Mas aqui, onde vivo, o desconhecido não é coisa ruim.

Que doce acalento é o sorriso de um estranho.
“Cê parece muito um sobrinho meu”
Como um abraço tímido, um honesto gesto de carinho
e simplicidade,
Provocando na gente um efeito reflexo.
“Gostei dimais dessa camiseta, naonde que cê comprou?”

Divido meus maiores segredos com aqueles que nunca vi antes.
“Sou muito ansioso, e essas filonas imensas me fazem mal,
queria não precisar estar aqui”
Existe algum alívio em compartilhar suas intimidades.
Que é ainda maior quando se sabe que, provavelmente,
nunca mais verá a pessoa
“Não sei o que sirá de mim depois que essa aqui partir”

Mas naqueles poucos minutos em contato
Esses detalhes não importam
“Me sinto tão frustrada às vezes, num sei o que fazer”
O importante é manter-se real e humano.
“Eu também me sinto assim, cê ta indo muito bem!”
De uma maneira que nenhuma IA conseguiria copiar.

Brasil com S

Gabriela Nascimento Leme
IB – STAEPE

Ó meu Brasil amado,
Que nos traz alegria,
Que encanta e deixa fascinado,
De cores e de tanta etnia.

Cresce a criança sonhadora,
Com coragem que nunca desaparece,
Forma a população lutadora,
Onde a brasilidade permanece.

Povo de fé, mesmo ferido,
Que enfrenta a dor, desigualdade e violência,
Mas segue sempre unido,
Com dança, música e resistência.

Como Cecília Meireles semeia poesia,
Vinicius de Moraes inspira a sonhar,
Gilberto Gil canta em pura harmonia,
E Clarice Lispector nos faz acreditar.

De Havaianas a brilhar no pé,
Samba que vibra nas pernas,
Entre risos e acarajé,
Carregam histórias eternas.

Do verde da floresta ao sertão,
Do ipê ao doce da jabuticabeira,
Brota a vida e irradia o coração,
É inexplicável ser brasileira.
Brasil de alma gigante,
Pulsa forte em nosso ser,

De cultura viva e povo vibrante,
Que no sorriso tem o poder.

Aprende com o vento a voar,
Cativa o mundo com sua bandeira,
Arrisca-se até o sonho alcançar,
É incrível a dádiva de ser brasileira.

Brasil, uma mistura de sentidos

Cecília Morbidelli Pereira
Graduação IBB

Dessa minha terra onde canta o sabiá, é sempre uma festa de sentidos, viveres e saberes.

Dos sons, os batuques e tambores da terra, o pisar de quem nasce e caminha sob esse sol latino.

As melodias se mesclam e criam harmonias singulares, do samba à viola caipira, os corpos naturalmente são embalados.

A cantoria que vem da mata, não gorjeia como em qualquer outra.

Dos cheiros, as lembranças se moldam e dançam na alma brasileira de cada um.

Do café coado ao arroz com feijão, o coração se esquenta em sentir-se em casa.

Desse povo, o cheiro suado da luta cotidiana se iguala à maresia desses litorais incomparáveis.

Das vistas, as mais belas paisagens, os relevos entremeados por cores que se mesclam, que sobem aos céus ou que se unem aos mares.

O retrato das casinhas coloridas ou da pracinha da igreja me remetem à uma lembrança empoeirada para sempre guardada com acalanto.

E abençoado seja o sol que ilumina os olhos daqueles que enxergam beleza no simples jeito de ser brasileiro.

Dos toques, o afeto que atravessa o corpo, os tamborins da escola ou do pica-pau na floresta.

O abraço quente da natureza que chora no verão quando o calor transborda nos arredores.

Dos sabores, do norte ao sul, iguarias, ancestralidade, cultura e história.

Tudo disposto dentro de uma panela de barro.

O tempero de um povo garrido que resiste, que põe comida no prato e faz acontecer.

Do dendê de Mãe-África ao açaí de quem pertence a este lugar, férteis são nossas terras onde nascem as riquezas coloridas.

Não há cálice que resista contra esse sangue verde e amarelo.

Os dons de minha pátria transpassam e percorrem minhas veias, e as de cada um que nasce desta terra, atravessam os sentidos e deixam marcas permanentes.

Porque dentre outras mil, não há nenhum outro como tu, meu Brasil.


BIBLIOTECA - UNESP
Campus de Botucatu
MANUAL DE
FITOPATOLOGIA



COLETÂNEA
III CONCURSO LITERÁRIO
DA SEMANA NACIONAL DO LIVRO
E DA BIBLIOTECA
1ª edição [setembro, 2026]
200 exemplares

Obra composta pelo NADA.∴Studio Criativo em Georgia, na cidade de Botucatu/SP, e impressa sobre papel pólen 90 g/m² pela Gráfica Viena.



POETAS PREMIADOS **Karen Ingrid Tasca • Milton Antonio Peres • Renata Aparecida Camargo Batista • Rafaela Hemily Cirilo • Maria Isabel Maringolo Ribeiro** MENÇÃO HONROSA **Caroline Cristina Pinto Souza**

OUTROS POETAS SELECIONADOS **Ana Carolina Alves dos Santos • Ana Clara Vicari • Ana Laura Salvador • Beatriz Koti Lazzari • Caio Marcondes de Barros • Cecília Morbidelli Pereira • Danielli Suzel de Carvalho • Gabriela Larissa Lima da Silva • Gabriela Nascimento Leme • Isabela Tokuhara Makida • Laura Almeida Peres • Layla Contessotto de Oliveira • Luiza Dias Blumer Bastos • Lucas Martins Liporaci • Marcela da Costa Gomes • Marcos Vinicius Antonio Faria • Otávio Augusto Martins • Sabrynna Juliane Alves Barbosa • Vinicius Gabriel Fogaça Brandino**

ISBN 978-65-85336-36-9

REALIZAÇÃO

PUBLICAÇÃO